

A NATUREZA LITERAL DO SANTUÁRIO CELESTIAL E SUA FUNÇÃO PARA A SALVAÇÃO DO HOMEM

  Élisson Gomes de Carvalho ^{1,*}

  Leonardo Godinho Nunes ²

RESUMO

Existe uma discordância na teologia sobre a verdadeira natureza do santuário celestial. Seja literal ou simbólica. A realidade e a relevância de um santuário literal no céu têm sido questionadas ou mal compreendidas, causando problemas de interpretação, que desestabilizam a macro visão bíblica no que diz respeito à compreensão de temas fundamentais ligados à doutrina do Santuário Celestial como salvação, perdão de pecados, relacionamento entre criatura e criador, expiação, julgamento e redenção. Esta pesquisa visa, por meio do método gramático-histórico e de pesquisas adicionais, contrapor a ideia de que o santuário celestial é apenas uma figura de linguagem, um símbolo, uma representação do próprio céu ou mesmo inexistente. Valendo-se de uma análise responsável do estudo de fundamentos e princípios filosóficos relacionados à natureza do ser, tendo a Bíblia como respaldo final, será concluído que realmente existe um santuário literal no céu, que é a morada de Deus e local no qual o plano da salvação é expresso e concretizado.

Palavras-chave: Santuário Celestial. Natureza. Ser. Função. Salvação.

ABSTRACT

There is disagreement in theology about the true nature of the heavenly sanctuary. Whether it is literal or symbolic. The reality and relevance of a literal sanctuary in heaven has been questioned or misunderstood, creating problems of interpretation, which destabilize the biblical macro vision regarding the understanding of fundamental themes related to the doctrine of the heavenly sanctuary such as salvation, forgiveness of sins, relationship between creature and creator, atonement, judgment and redemption. This research aims, through the grammatical-historical method and additional researches, to oppose the idea that the heavenly sanctuary is just a figure of speech, a symbol, a representation of the heaven itself or even a non-existent thing. Taking advantage of a responsible analysis of the study of philosophical foundations and principles related to the nature of the being, with the Bible as final support, it will be concluded that there really is a literal sanctuary in heaven, which is the abode of God and the place in which the plan of salvation is expressed and concretized.

Keywords: Heavenly Sanctuary. Nature. Being. Role. Salvation.

¹ Graduado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT).

² Doutor em Biblical Studies pela Andrews University. Atua no Adventist International Institute of Advanced Studies (AIAS). E-mail: lnunes@aias.edu.

Submissão: 01/2023

Aceite: 01/2025

***Autor correspondente:**

elisongdc@hotmail.com

Como citar

CARVALHO, E. G.; NUNES, L. G. A natureza literal do santuário celestial e sua função para a salvação do homem. *Praxis Teológica*, volume 21, número 1, e-1622, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2025v21n1.e1622>.



INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm sido desenvolvidos no meio adventista em busca de respostas concernentes ao santuário celestial e seus correspondentes, especialmente no que se refere ao juízo pré-advento e suas implicações. Este estudo, no entanto, enfoca mais especificamente a natureza e a literalidade do santuário, que deixa espaço para que alguns caminhos sejam tomados, iguais ou diferentes do que os estudiosos geralmente costumam tomar. Tudo gira em torno das suposições levantadas e das ferramentas usadas para elaborá-las tendo a Bíblia como objeto de estudo principal.

As questões que cercam o próprio santuário celestial devem ser vistas como indispensáveis para os Adventistas do Sétimo Dia, uma vez que essa doutrina está diretamente ligada às suas origens, além de contribuir para a compreensão de muitos outros assuntos bíblicos importantes. Ademais, estudar a natureza do santuário também desmistifica conceitos sobre a natureza das coisas, a qual muitas vezes é especulada na mente de muitas pessoas. Esta é uma razão importante para todo o desenvolvimento deste estudo, porque as análises e conclusões podem fornecer um equilíbrio lógico entre a razão humana e a maneira pela qual as pessoas devem ver as coisas, Deus e elas mesmas.

Lidar com esse assunto é ter ciência de que se trata de um tema complexo que abrange uma diversidade bibliográfica a qual para ser analisada com esmero, demanda tempo e atenção. Certamente, o tema da natureza literal do santuário celestial exige esse tipo de tarefa. Além do mais, é importante notar que um tema complexo tende a chamar a atenção de pesquisadores pelo simples fato de que a assertividade da pesquisa pode ser capaz de trazer à tona grandes verdades, as quais assumem grandes proporções e relevância para a compreensão bíblica, especialmente no que diz respeito a temas teológicos importantes.

A Bíblia parece fornecer algumas bases evidentes para a identificação da natureza do santuário celestial, porém na maioria das vezes, em passagens que abrem margem para especulações e conclusões pessoais errôneas. As conclusões podem ser tomadas com base nas sugestões comprobatórias e lógicas que a Bíblia e os fundamentos filosóficos de fato fornecem, mas para isso algumas medidas devem ser tomadas.

A natureza do santuário celestial é identificada tendo como pano de fundo algumas vertentes. A primeira delas é o estudo da filosofia ou dos fundamentos filosóficos, por sua influência na interpretação de algumas questões das escrituras. Questões de temporalidade também vêm à tona quando se intenta estudar o ser em geral. Ao entender que o santuário celestial é uma realidade no céu, tendo o céu como sendo uma realidade desconhecida por seres humanos pecadores, é preciso recorrer ao estudo do ser dentro dos fundamentos filosóficos e dos possíveis argumentos teológicos para estabelecer uma natureza literal do santuário celestial. É impossível falar sobre natureza ou essência de algo sem verificar as conclusões de alguns filósofos relevantes que trataram sobre o assunto. Posterior a isso, a defesa da natureza literal do santuário celestial torna-se possível após a análise de uma síntese de questões introdutórias que envolvem a ontologia de maneira geral, a ontologia do santuário e os princípios da natureza do ser. Além disso, são conferidas algumas interpretações antecedentes sobre o tema, como por exemplo, as ideias de Filo.

Após os caminhos tomados até aqui, são investigados na Bíblia informações e detalhes sobre a existência e natureza literal de um compartimento chamado santuário, localizado no céu. Objetiva-se nesse passo, uma breve análise de principais passagens do Antigo Testamento e no livro de Hebreus que forneçam evidências da natureza literal do santuário celestial. Até então, com as bases para uma ontologia ou natureza do santuário estabelecidas, as funções do próprio santuário e a função que Cristo opera nele são brevemente apresentadas. Esses meios preparam o terreno para mostrar que o santuário celestial é a real morada de Deus e que o santuário celestial é uma construção física no céu e não o próprio céu.

Sendo o santuário uma estrutura literal e física, é, portanto necessário identificar seu propósito, especialmente após o pecado. A principal maneira de identificar o propósito e a função do santuário celestial é encontrando seus correspondentes no santuário terrestre, o modelo inquestionável de adoração mais evidente no Antigo Testamento, mas que abrange toda a Bíblia. Depois disso, é importante esclarecer como Cristo assume um papel ativo no ministério do santuário e sua relação com o plano de salvação para os seres humanos. Isso esclarece informações essenciais da pessoa do próprio Cristo como salvador e redentor da raça humana. O papel de Cristo em si, especialmente como sacerdote celestial, também é mais bem assimilado, levando todos a finalmente conhecerem a beleza do plano da salvação, como ele se desenvolve e, principalmente, a definirem o que farão diante da responsabilidade pessoal que possuem diante de Deus. Por isso, este estudo torna-se essencial para a vida de todas as pessoas, especialmente dos cristãos religiosos, uma vez que esse assunto se relaciona com a função do personagem central do cristianismo.

O presente trabalho faz o uso do método gramático-histórico e de análises a materiais extras necessários para a elaboração de todo o tema da pesquisa. Por ser um tipo de pesquisa abrangente e complexo, ambas as ferramentas devem trabalhar juntas como desenvolvimento dos pontos específicos e conclusões. Amplamente utilizado por exegetas, biblistas sistemáticos e historiadores, a conciliação do método gramático-histórico com pesquisas adicionais é capaz de proporcionar uma bela exposição ao referido tema que se intenta em ser trabalhado.

O tipo de pesquisa que une o método gramático-histórico com pesquisas adicionais destaca-se por manter o foco no significado primário denotado por cada palavra e expressão do texto bíblico, por associar os elementos extraídos ao contexto histórico e aos eventos que o compõe e por descomplicar questões referentes a detalhes que a Bíblia aparentemente não é capaz de responder como questões referentes à ontologia, natureza do ser e etc. Aquele que busca interpretar um texto em sua amplitude e de modo específico, precisa considerar unicamente o que o texto quer dizer, jamais deve acrescentar algo de sua própria concepção. Esse método se vale do pressuposto de que a Bíblia é a palavra de Deus, transmitida por agentes humanos. A Bíblia interpreta a si mesma e é possuidora de recursos próprios para sua hermenêutica (HASEL, 1979, p. 6 – 14; DAVIDSON, 2011, p. 103 – 102, 108).

Através da hermenêutica bíblica, é possível estabilizar a visão geral do santuário celestial, de sua natureza e de seus correspondentes, eliminando quaisquer erros de interpretação e conclusões pessoais. Dessa forma, os demais temas relacionados a esse assunto não só ficam ainda mais claros, como também podem ser mais bem aplicados na teologia de maneira geral. Todavia, mesmo em vista de todos os esforços empregados, pode ser que ainda haja dúvidas sobre a natureza literal do santuário

celestial em relação à sua composição material ou física. Portanto, ainda dentro do assunto, a essência na natureza do santuário celestial é descoberta e, com isso, os pontos realmente relevantes são estabelecidos para concluir a questão.

QUESTÕES SOBRE ONTOLOGIA DO SANTUÁRIO

Se há a intenção de obter resultados a partir da busca da compreensão da natureza do santuário celestial, alguns conceitos prévios precisam ser estabelecidos. Primeiramente, é importante notar que mesmo que a Bíblia seja uma fonte confiável para o estabelecimento de nossa compreensão sobre o santuário celestial, alguns detalhes sobre natureza em si precisam ser esclarecidos com base em princípios filosóficos, que se usados sabiamente, tendem a edificar o estudo e proporcionar uma melhor compreensão sobre o todo¹. Em segundo lugar, se faz necessário compreender o dilema por trás da realidade das coisas ou da realidade ontológica dos seres². Tudo aquilo que existe, ou que suponha que exista, deve passar pela discussão por trás de princípios que vem circundando a existência das coisas desde o início da filosofia. Antes de entender se a natureza de algo é real ou irreal, simbólica ou literal, fictícia ou genuína, material ou abstrata, é preciso compreender e ter bem fixo em mente que só tem natureza aquilo que existe, então somente o ser tem natureza, portanto é preciso compreender o ser antes que qualquer coisa.

Neste caso, o papel aqui é identificar a natureza literal do santuário celestial, mas se o santuário celestial tem uma natureza, ele precisa existir. E se ele existe, é preciso determinar o que é a sua existência. Para isso, antes, algumas considerações sobre existência, ontologia e observação com base em argumentos filosóficos precisam ser feitas. Sempre que qualquer natureza intenta ser analisada, algumas pressuposições devem ser tomadas para que no mínimo sejam estabelecidos princípios de observação que facilitem o processo da análise. Aquele que se detém a estudar a natureza das coisas deve se colocar na posição de um sujeito que deseja colher resultados de seu estudo ou de seu objeto a ser observado.

Então, para entender a natureza e a realidade do santuário celestial, o observador deve ser o sujeito e o observado deve ser o objeto. Até aí tudo bem, poderia ser indagado que basta compreender isso para seguir adiante nas percepções que viriam como resultado, porém a coisa se intensifica quando fica evidente que o objeto a ser analisado, o santuário celestial, não seria terreno, e, portanto,

¹ Embora motivos bíblicos, como, por exemplo, o santuário e a luta entre o bem e o mal, possam fornecer ideias esclarecedoras que devem ser lembradas à medida que a interpretação bíblica de “ta panta” é investigada, o centro do todo deve ser visto na estrutura ontológica, à medida que o ser de Deus e o ser do homem se desenvolvem juntos no relacionamento interior e essencial (CANALE, 1983, p. 206).

² Na filosofia, ser significa a existência material ou imaterial de uma coisa. Tudo o que existe é o ser. Ontologia é o ramo da filosofia que estuda o ser. Ser é um conceito que engloba características objetivas e subjetivas da realidade e da existência. Qualquer coisa que participe do ser também é chamada de “ser”, embora muitas vezes esse uso seja limitado a entidades que têm subjetividade (como na expressão “ser humano”). A noção de “ser” tem sido inevitavelmente ilusória e controversa na história da filosofia, a partir da filosofia ocidental, com tentativas entre os pré-socráticos de implantá-la de maneira inteligente. - “being”. Dicionário de Inglês Oxford (3ª ed.). Imprensa da Universidade de Oxford. Setembro de 2005. (É necessária uma assinatura ou biblioteca pública do Reino Unido.) = “Sendo [...] Existente, o fato de pertencer ao universo das coisas materiais ou imateriais.” PhilPapers-Being Emergence vs. Pattern Emergence: Complexity, Control, e direcionamento de metas em sistemas biológicos, Jason Winning e William Bechtel.

assumiria proporções de compreensão surreais à realidade dos seres humanos que estão acostumados com uma realidade racional observada basicamente por meios sensoriais. Ou seja, se o santuário é celestial e está no céu, sua natureza teria que ser no mínimo atípica para a compreensão dos seres humanos, principalmente por se tratar de uma construção, que de acordo com a Bíblia, é uma construção de Deus³.

Não é possível ver o santuário celestial, não é possível senti-lo racionalmente, porque ele é celestial e seres humanos não são celestiais. Portanto, nosso polo de observação está de certa forma distante de nossa realidade. Dentro desse ponto de sujeito e objeto e ausência de um dos polos, salienta Canale:

Qualquer teoria que tente interpretar os diferentes papéis de seus dois polos, a saber, sujeito e objeto. Se um dos polos está ausente, não há um conhecimento, significado ou logotipos. Essa relação é o centro a partir do qual qualquer significado é constituído, a partir do qual o logos se abre para suas estruturas e dimensionalidade. (CANALE, 1983, p. 171)

Diante dessa citação, alguns poderiam argumentar que as palavras de Canale solucionam o problema que está sendo discutido aqui. Ora, se um dos polos não está presente, então não é possível estabelecer conhecimento e, portanto se conclui que ele não existe ou que é simbólico. Na verdade não foi isso que o autor quis dizer. Ele apenas destaca a dificuldade existente em se analisar algo que não está presente na nossa realidade. Em outra ocasião, Canale (1983, p. 175, tradução nossa) completa esse pensamento prévio de que precisamos compreender o ser antes de prosseguir em qualquer investigação sobre coisas que se relacionem a Deus ou ao mundo em geral: “Aqueles que pressupõem diretamente um entendimento prévio de Deus, dos seres humanos e do mundo. Indiretamente, no entanto, também precisam ter um entendimento prévio sobre o significado do Ser”.

Diante da necessidade de se ter um entendimento prévio do ser, alguns pontos devem ser levados em consideração. Se o ser, a propósito desse estudo, se refere ao santuário celestial, é preciso buscar fontes auxiliares que proporcionem uma ampla visão sobre como é possível assimilar a natureza de algo que não está presente na realidade dos seres humanos. Essas fontes, no entanto, têm gerado diversos efeitos para lados opostos. Alguns, ao consultarem as bases da ontologia e do estudo do ser a fim de obterem um melhor entendimento sobre a natureza das coisas que não são sensíveis aos seres humanos, acabam se perdendo em conceitos errados e puramente especulativos, que os conduzem a uma conclusão oposta à natureza do santuário celestial, como se este fosse puramente simbólico.

³ Cf. Hb 8:2

INFLUÊNCIAS DE TEMPORALIDADE E ATEMPORALIDADE COMO SUPOSTAS REALIDADES DO ENTENDIMENTO DO SER E PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS

Para começar a compreensão dessas bases para a ontologia, que precisam ser analisadas com cautela, é indispensável falar sobre o dilema da atemporalidade versus temporalidade para se entender o ser, ou a natureza das coisas. É válido ressaltar que à primeira instância, a interpretação do fundamento do Ser como atemporal, teve origem no próprio nascimento da filosofia grega, por meio de alguns nomes como Parmênides, Platão e Aristóteles. A partir deles, a razão conhecida, em suas amplas linhas e aspectos fundamentais mesmo quando usada pela ciência contemporânea, é o produto de uma longa série de interpretações e revisões dos quadros ontológicos e epistemológicos, na suposição de que a dimensionalidade do ser é atemporal.

Embora Parmênides não tenha falado explicitamente sobre o fundamento do ser ou sobre a atemporalidade, ele torna aparente que seu "caminho da verdade" estava fundamentado no significado do ser e que sua compreensão do ser estava fundamentada na atemporalidade. Anos depois, Platão não só defendeu a mesma ideia sobre o ser, como também a idealizou de maneira técnica. A interpretação de Platão das estruturas ontológicas e epistemológicas é tão influente na civilização ocidental que não é exagero dizer que toda a filosofia tem sido uma série de notas de rodapé para Platão. A surpreendente influência de Platão reside principalmente no fato de ele ter sido o primeiro filósofo a desenvolver a teoria de forma sistematizada e elaborada. Ele foi quem forneceu à estrutura os conteúdos e categorias básicas que ela precisa para funcionar. Assim, a razão, como ferramenta técnica do pensamento, nasceu ao mesmo tempo em que se tornou atemporal. Razão e atemporalidade andavam de mãos dadas na interpretação de Platão.

Platão, adotando a visão de Parmênides de que o ser realidade como tal era de natureza não histórica atemporal, concebeu uma interpretação bipolar dos seres como um todo. Essa interpretação bipolar da realidade é conhecida como teoria dos dois mundos, que envolve as ordens inteligíveis e visíveis. A ordem celestial inteligível é atemporal e eterna, enquanto a ordem terrena sensível é temporal e móvel.

Aristóteles entendeu a ciência do ser como a ciência do universal que estabelece o terreno e a unidade para todas as outras ciências, incluindo a teologia. Aristóteles não refletiu explicitamente sobre o ser em si. Ele assumiu o ponto de vista épico de Parmênides, que apresentou uma interpretação atemporal.

Anos depois é aparente que o catolicismo e o protestantismo conservador seguiram a interpretação aristotélica da estrutura da razão. O protestantismo liberal se afastou desse padrão, substituindo-o pelo kantiano, que é apenas uma variação elaborada na mesma interpretação tradicional do pressuposto primordial. Parece, então, que a crítica teológica deve decidir entre esses dois padrões.

A compreensão platônico-aristotélica dos primeiros princípios filosóficos desempenhou um papel hermenêutico fundamental na interpretação teológica da natureza do santuário bíblico. No

entanto o problema parece ainda não estar resolvido. Para dar seguimento agora em um âmbito com relações bíblico-teológicas, é importante discorrer sobre Filo⁴ e suas conclusões sobre a natureza do santuário celestial bem como suas conclusões sobre o ser humano, o ser divino e tudo o que se relaciona a eles. Filo interpreta o princípio da natureza como seguindo as duas ordens ou níveis da ontologia platônica. A criação seria a origem da natureza de tudo e ali Filo vê duas ordens ou reinos: os universos inteligível e sensível. Além disso, ele coloca o universo inteligível no Logos, uma duplicação subalterna de Deus. O mundo inteligível, então, não é apenas atemporal, mas também sem espaço. O princípio da natureza fez com que Filo compreendesse o santuário como uma representação simbólica das ordens inteligíveis e sensíveis⁵. Além disso, o princípio de Deus o leva a uma interpretação alegórica da passagem base para a primeira aparição "explícita" do santuário em Êx 25:8.

Filo questiona sobre o significado de Deus habitar em um tabernáculo. Ele descarta o significado literal em favor de um "local literal"; isto é, ele interpreta o texto como falando da habitação de Deus no mundo sensível. Especificamente, Filo diz que Deus mora no mundo quando a alma tem um vislumbre intelectual de suas manifestações intelectuais. De acordo com a interpretação filosófica do princípio de Deus, Filo adota a ideia de que Deus não pode habitar em uma contínua realidade espaço-temporal do santuário do AT e que, portanto de nada é importante que exista um modelo de santuário real no céu. A interpretação legítima que ele faz é o processo através do qual o significado literal do texto é desconstruído.

Na interpretação alegórica de Filo, a estrutura do santuário de construção de Deus é traduzida em uma estrutura de ser de Deus que ocorre dentro do lado intelectual e não histórico da realidade. Os princípios filosóficos adotados por Filo pedem uma rejeição hermenêutica do sentido histórico literal dos textos do santuário em favor de uma construção especulativa imaginativa de um suposto significado alegórico não histórico de um santuário literal no céu.

Fundamentos filosóficos clássicos e modernos têm levado muitas pessoas a adotarem uma interpretação metafórica da estrutura dos seres edificadas por Deus, presente nos textos bíblicos que revelam a realidade e o significado do santuário. No entanto, é necessário unir esses fundamentos aos princípios hermenêuticos, pois essa união é capaz de oferecer o estágio ontológico a que o santuário realmente se refere. Aparentemente, o significado da estrutura do santuário como uma construção feita por Deus depende da natureza de seu componente central, Deus. A compreensão do princípio de Deus, então, determina o referente ontológico da linguagem do santuário.

Seguindo esse raciocínio, entende-se que os fundamentos filosóficos são relevantes, mas não

⁴ Filo é o filósofo mais notável do judaísmo alexandrino. Sua abordagem sincrética justapunha elementos platônicos, estoicos, pitagóricos e aristotélicos. Sua reinterpretação do platonismo forneceu uma estrutura metafísica que, com poucas variações, foi adotada por todas as formas de neoplatonismo e se tornou influente até o escolasticismo. Quanto ao princípio de Deus, Filo segue a filosofia grega clássica adotando a interpretação atemporal do ser de Deus (CANALE, 1983, p. 110-200; ABBAGNANO, 1992, p. 945-1230).

⁵ Tem havido uma forte tendência para interpretar a noção de cidade celestial em Hebreus a partir da perspectiva da tradição platônica, mediada por Filo. Em Philo, no entanto, não há conceito de cidade celestial preparada por Deus que se torne visível. Philo se concentra na etimologia e no simbolismo do nome "Jerusalém", em vez de falar da própria cidade. Essa é a diferença decisiva entre o tratamento filosófico grego da cidade celestial e o realismo bíblico que informa a formulação desse tema em Hebreus. Em Hebreus, a cidade celestial é uma realidade que reflete o realismo da tradição apocalíptica judaica, em 4 Esdras e 2 Apocalipse de Baruque (CANALE, 1983, p. 110-200).

os conceitos filosóficos. Os fundamentos podem servir de ferramenta para a interpretação de passagens bíblicas, neste caso, passagens que por mais que sejam puramente bíblicas e inspiradas por Deus, também possuem uma importância filosófica. Quando se torna possível reconhecer essa importância filosófica do texto bíblico, há abertura para a posição de avaliar interpretações clássicas do princípio de Deus. Ao fazer isso, percebe-se que os textos bíblicos sobre Deus e sobre o santuário revelam que o princípio de Deus é compatível com o espaço, tempo e história da realidade dos seres humanos. Nesta base, é preciso desconstruir os entendimentos clássicos e modernos do princípio de Deus e substituí-los por uma formulação técnica do entendimento bíblico de Deus e das coisas de Deus, que incluem o santuário celestial.

Os fundamentos filosóficos se relacionam com a natureza do santuário celestial bíblico porque eles desempenham o papel de princípios hermenêuticos que operam em sua interpretação teológica. Entre os princípios filosóficos chamados a desempenhar um papel fundamental na teologia cristã, identifica-se os princípios do ser, como já trabalhado acima, de Deus, da natureza humana e da natureza em geral. Como nos textos bíblicos o santuário revela consistentemente uma estrutura construída por Deus, o princípio de Deus condiciona diretamente sua interpretação teológica. Os princípios filosóficos funcionam, por exemplo, determinando a natureza da realidade à qual os textos bíblicos se referem, determinando assim se a passagem aborda o assunto em um sentido literal ou simbólico para a natureza do santuário celestial.

Na teologia, o discurso metafórico é geralmente chamado para ajustar-se aos parâmetros da realidade ditados pela interpretação filosófica de seu objeto. Tradições teológicas clássicas e modernas, geralmente adotando a visão atemporal do princípio de Deus originada por Parmênides e Platão, tem interpretado o santuário metaforicamente ou de maneira simbólica. Fazendo assim, o estão interpretando à luz da atemporalidade de Deus, que não abre espaço para a noção de construção ou a noção de sucessão de ações divinas e, portanto requer uma interpretação metafórica. Consequentemente, pensando dessa maneira, algumas tradições teológicas poderão assumir que os textos do santuário não falam de Deus diretamente, mas apenas metaforicamente, uma vez que sua estrutura é simbólica. Assim, a interpretação metafórica do santuário envolve uma “transposição de compreensão histórica preconcebida e espacial dos textos bíblicos para dentro de uma compreensão atemporal errônea ditada pelo princípio de Deus” (CANALE, 1998, p. 183).

Nesse processo, muitos teólogos ainda se mantêm consistentes, reduzindo a estrutura dos seres dos textos bíblicos a uma estrutura de Deus, da qual os textos do santuário só podem falar metaforicamente. Quando é reconhecida que a reflexão bíblica sobre a natureza do santuário de Deus revela simultaneamente não apenas sua presença histórica, mas também seu ser, uma visão do princípio de Deus passa a ser compatível com o espaço e tempo dos seres humanos. Depois disso, basta apenas unir os fundamentos ou princípios filosóficos (não os conceitos), à hermenêutica bíblica dentro das passagens mais importantes que dão indícios da natureza e função o santuário celestial para que conclusões sejam alcançadas.

Ao reconhecer que a natureza do santuário celestial se revela em nosso espaço temporal e que, portanto, pode ser identificada como real, torna-se necessário acrescentar alguns pontos sobre a dificuldade levantada anteriormente em relação do sujeito e o objeto. Dentro dessa problemática, propõe Hartmann (1962, p. 126):

Existe uma natureza básica para conhecimento, que é ao mesmo tempo uma estrutura, todo o conhecimento envolve o "conhecedor" e "conhecido", um sujeito e um objeto que se encontram cara a cara. O relacionamento que existe entre eles é, porém, conhecimento. De diferentes maneiras e de diferentes tradições filosóficas, essa estrutura fundamental do conhecimento, a saber, a relação sujeito-objeto, é reconhecida. Essa é a expressão fundamental da estrutura da razão, porque qualquer significado só é possível na medida em que brota e se mantém nessa relação.

A citação pode parecer complexa, mas existe um detalhe interessante nas palavras de Hartmann. Ele diz que “todo o conhecimento envolve o ‘conhecedor’ e o ‘conhecido’”, mas que para isso o “sujeito e um objeto precisam se encontrar cara a cara”⁶. Essa afirmação parece contribuir muito para a desmistificação da relação entre o conhecedor e o conhecido. Ela quer dizer que por mais que haja uma dificuldade em identificar o conhecido, essa dificuldade é eliminada quando o conhecido se encontra, se aproxima, se revela ou se manifesta ao conhecedor. Tomando o conhecido como sendo Deus ou o santuário celestial de Deus e o conhecedor como sendo os seres humanos, é preciso então estabelecer um momento em que há uma relação entre as duas partes, para que esse momento revele ou dê pistas sobre a natureza do conhecido, qual seja o santuário celestial.

EVIDÊNCIAS DE UM SANTUÁRIO NO CÉU E DE SUA NATUREZA LITERAL EM ALGUMAS PASSAGENS NO ANTIGO TESTAMENTO E NO LIVRO DE HEBREUS

O momento do encontro entre o conhecedor e o conhecido pode ser identificado, por exemplo, na passagem mais famosa que segundo estudiosos, podem fornecer informações sobre a ontologia de Deus e posteriormente de coisas celestiais. Êxodo 3:14 e 15 é um texto ontológico que, no início do pensamento judaico-cristão, pôde contribuir para a interpretação da base do ser⁷. Uma vez que a ideia de ser é presente nesse texto, sendo o ser uma atribuição a Deus, ocorre então a evidência da presença de Deus, que por sinal é real e literal diante de Moisés. Ainda que a matéria em si do ser de Deus não possa ser comprovada, Sua natureza pode, e esta era literal. Êxodo 3:14-15 e sua estrutura paralela fornece uma introdução à interpretação bíblica do pressuposto primordial do ponto de vista ontológico. O ser é pensado como aparecendo na "presença ôntica" (Êx 3:2). Assim a natureza do ser parece estar em uma distensão temporal ontológica.

Até então fundamentos filosóficos relacionados a princípios bíblicos tem formado um leque perfeito na compreensão da natureza das coisas. Leque esse que também fornece luz às ideias básicas para o entendimento da natureza literal do santuário celestial. De agora em diante, algumas das principais passagens bíblicas que podem se referir à natureza do santuário celestial serão exploradas

⁶ Alessandro Gamba, In principio era il fine. Ontologia e teleologia in Nicolai Hartmann, Vita e Pensiero, Milano 2004.

⁷ Estudiosos sugerem que o santuário celestial é o perfeito modelo de *locus* supremo para a atividade de Deus em favor da raça humana e o lugar o ministério sacerdotal é estendido e exercido (CANALE, 1998, p. 183-192).

a fim de contribuírem para os objetivos desse estudo.

E me farão um santuário, e habitarei no meio deles. Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus pertences, assim mesmo o fareis. Atenta, pois, que o faças conforme ao seu modelo, que te foi mostrado no monte (Êxodo 25:8, 9 e 40).

É indispensável lidar com esse texto em primeira mão. A discussão em torno dessa passagem bíblica gira em torno da palavra para “modelo” (tabnit). E concernente ela seis interpretações tem sido sugeridas. 1 - Modelo a ser copiado do santuário terrestre, como uma miniatura, ou seja, como se Moisés não tivesse realmente visto a imagem real do santuário celestial como base, mas apenas uma ilustração elaborada por Deus que ele deveria seguir como base. 2 - Modelo de um santuário terrestre apenas como um plano ou esboço arquitetônico. 3 - Alguma cópia de santuário celestial irreal que funciona como um modelo a ser copiado do santuário terrestre. 4 - Modelo de santuário celestial que funciona como um plano ou esboço arquitetônico a ser copiado no santuário terrestre. 5 - O santuário celestial, real, o original, como o modelo a ser copiado para o santuário terrestre. 6 - inspiração subjetiva, sem comunicação acompanhada de fatos ou imagens como um modelo para o santuário terrestre⁸.

Sobre a interpretação número 1, Hurowits⁹ argumenta que a palavra para modelo no original hebraico nunca é usada para designar a coisa real, mas apenas a representação dela. Contudo, passagens como Dt 4:16-18 e Sl 144:12 mostram que "modelo" pode se referir também a algo real, original e existente que servirá de base para a elaboração de algo semelhante. As alternativas 2, 4 e 6 podem ser descartadas porque no texto é claro que o modelo foi mostrado para Moisés. É importante notar que somente Moisés viu o modelo, ou seja, tinham detalhes santos de mais para que outros pudessem ver. É importante saber que quando Moisés subiu, a glória de Deus permeou o Sinai por alguns dias. A alternativa 3 também é descartada porque não se pode identificar a presença ilusória de qualquer outro tipo de templo ou cópia de templo no céu. Resta agora apenas a alternativa 5 que definitivamente, implica em evidenciar a literalidade de um santuário celestial como modelo para o terrestre (SOUZA, 2015, p. 149).

A propósito, não é comum falar do santuário celestial sem incluir o seu correspondente terrestre. Como visto anteriormente, só é possível adsorver a natureza de algo por meio de uma revelação ou relacionamento entre o conhecedor e o conhecido e essa relação ocorre de forma bem específica na instituição do santuário para o povo de Israel. Ainda dentro da lógica de um santuário real no céu estabelecida em Êxodo 25:9 e 40, é preciso retomar a ideia de criação por trás do santuário celestial e sua natureza. O santuário e seus correspondentes são obra e ideia de Deus direta e indiretamente e essa verdade conduz a algumas observações ainda mais profundas dentro da relação entre santuário e criação¹⁰.

Vários são os textos bíblicos que exibem alusões indubitáveis e imagens que ligam o

⁸ (SOUZA, 2013, p. 148).

⁹ Horowitz, Wayne. Mesopotamian Cosmic Geography. Mesopotamian Civilizations 8. Winona Lake: Eisenbrauns, 1998.

¹⁰ Evidências para sugerir que Deus criou o reino celestial são encontradas em Hebreus 11: 8–16, onde encontramos uma discussão sobre a natureza da “terra” que Abraão recebeu para herdar e o tipo de cidade que Abraão esperava. Hebreus enfaticamente enfatiza que a “terra” que Abraão ansiava era de natureza celestial (11–16) (FILTVEDT, 1990).

santuário à criação conhecida por todos os seres humanos. Esses detalhes complementam a realidade de que Deus cria coisas reais e quando se trata do objeto em si, este sempre é literal. Parece claro que a construção do tabernáculo é narrada com uma linguagem que lembra a criação de modo geral. As instruções para a construção e seleção de materiais para o tabernáculo, conforme relatadas em Êxodo 25-31, são divididas em sete seções (25: 1; 30:11, 17, 22, 34; 31: 1, 12). Cada uma das seis primeiras seções começa com a expressão “e o Senhor falou a Moisés dizendo” e a sétima seção termina com uma referência ao sábado do sétimo dia (31:12-17) (SOUZA, 2013, p. 25-41).

É preciso ainda observar, a princípio, que alguns dos elos entre a narrativa da Criação e a construção do Tabernáculo podem ser explicados com base no fato de que ambos os trabalhos compartilham algumas semelhanças óbvias¹¹. Ambas são construções materiais, ambas são baseadas na autoridade de Deus e ambas são obras artísticas por si mesmas. Diante disso, não deveria surpreender que palavras e expressões usadas para narrar a criação do mundo também sejam empregadas para descrever a construção do tabernáculo e sua natureza.

No entanto, algumas semelhanças entre o santuário e os relatos da criação não exigem necessariamente uma visão cosmológica do santuário, no sentido de que este último é um microcosmo ou tipo de universo ou mundo. Além disso, alguns elos intertextuais como os mencionados acima, podem ter sido usados intencionalmente pelo escritor bíblico para conectar o santuário à criação em uma base teológica. No santuário, Deus parece em primeiro lugar realizar uma obra de restauração da Criação, enquanto lida com o pecado. A Criação e os motivos cósmicos relacionados ao santuário parecem não pretender representar a Terra como um santuário antitípico, entretanto parecem extrair contribuir para uma melhor compreensão da simbologia do santuário terrestre e para a natureza real do santuário celestial¹².

O SENHOR, digno de louvor, invocarei, e de meus inimigos ficarei livre, Porque me cercaram as ondas de morte; as torrentes dos homens ímpios me assombraram. Cordas do inferno me cingiram; encontraram-me laços de morte. Estando em angústia, invoquei ao SENHOR, e a meu Deus clamei; do seu templo ouviu ele a minha voz, e o meu clamor chegou aos seus ouvidos. Estando em angústia, invoquei ao SENHOR, e a meu Deus clamei; do seu templo ouviu ele a minha voz, e o meu clamor chegou aos seus ouvidos (2 Samuel 22:4-7).

Aqui, com base em toda a períclope, Samuel parece apresentar o templo funcionando como o local de onde a “ajuda real” é concebida ao rei. Além disso, com base nos versículos posteriores, essa função é expandida. A natureza literal do santuário é percebida quando os versículos 14 e 15

¹¹ O AT dá testemunho de que, por trás do santuário terrestre, existe uma estrutura mais sublime, a habitação de Deus no Céu, Essa habitação celeste foi mostrada a Moisés e serviu como modelo do santuário que ele devia construir. Encontram-se referências ao santuário celeste nos Salmos e nos livros proféticos. O salmista afirma que Deus tem Seu trono no templo celestial (SI 11:4) e que, desse lugar, o Senhor observa o que acontece na Terra (SI 33:13, 14; 102:19; 113:5, 6). Empregam-se diferentes terminologias para se referir ao lugar da habitação divina: “santo templo” (Mq 1:2; Hc 2:20); “templo” (2Sm 22:7; SI 18:6); “santuário” (SI 60:6; 150:1); “morada” ou “lugar” (Is 18:4; Mq 1:3); e, possivelmente, “casa” (SI 36:8). Visto que Deus habita no Céu, não é estranho encontrar “céus” (shamayim) usado como designação de Seu “santuário” celeste (SI 20:6; 102:19), bem como “lugar da Tua habitação” (IRs 8:39, 43, 49). Até mesmo o trono de Deus é usado como metonímia para Seu santuário celeste (SI 11:4; 93:2; Dn 7:9).

¹² (SOUZA, 2013, p. 25-41).

apresentam que Deus trovejou do céu, o Altíssimo, pronunciou sua voz e enviou flechas, e raios, derrotando os inimigos (SOUZA, 2015, p. 230). Isso sugere que além de ter uma função criadora e relacional como vista na discussão anterior, o templo celestial parece também ser um lugar onde Deus envia juízos.

O SENHOR está no seu santo templo, o trono do SENHOR está nos céus; os seus olhos estão atentos, e as suas pálpebras provam os filhos dos homens. O SENHOR prova o justo; porém ao ímpio e ao que ama a violência odeia a sua alma. Sobre os ímpios fará chover laços, fogo, enxofre e vento tempestuoso; isto será a porção do seu copo. Porque o SENHOR é justo, e ama a justiça; o seu rosto olha para os retos. O SENHOR está no seu santo templo, o trono do SENHOR está nos céus; os seus olhos estão atentos, e as suas pálpebras provam os filhos dos homens (Salmos 11:4-7).

Este, conhecido por muitos, no início, parece enfatizar que o paralelismo entre o “templo estar no céu” e o “trono estar no céu”, indicam que o templo da primeira parte deve estar no céu, como um lugar específico ali. É importante também notar que o verso 4 marca uma mudança uma mudança de perspectiva na estrutura do salmo. Conforme observado por Kim, “a mudança de humor entre os versos 1-3 e 4-7 exige que o verso 4 deva se referir a algo além da dimensão terrena (SOUZA, 2015, p. 230). Aqui é sugerido que além de ter uma função criadora e relacional e ser um lugar de onde Deus envia juízos, o santuário celestial também assume proporções literais que possibilitam todas as suas funções.

No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi também ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e a cauda do seu manto enchia o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas; com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam os seus pés, e com duas voavam. E clamavam uns aos outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. E os umbrais das portas se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então disse eu: Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos. Porém um dos serafins voou para mim, trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz [...] (Isaías 6:1-6).

O clássico texto acima indica detalhes sobre a natureza do santuário celestial. A presença do coral de serafins sugere que no verso 5, o profeta realmente está se referindo ao santuário celestial. Outro detalhe importante é que na passagem, Isaías parece se sentir pecador, ou “homem de impuros lábios”. Depois disso, algo especial acontece que auxilia em nossa compreensão de natureza do santuário celestial. Um dos serafins traz em sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz. Essa brasa, embora o texto não deixe claro de qual matéria ela é composta, parece deixar claro que se trata de algo real que proveio do santuário celestial, ou seja, mais uma vez, indícios explícitos da literalidade do santuário parecem aparecer ali (SOUZA, 2015, p. 246). Nessa passagem é sugerido que além de ter uma função criadora e relacional, ser um lugar de onde Deus envia juízos e assumir proporções literais, o santuário também possui uma função de purificação e perdão de pecados.

São várias as passagens no Antigo Testamento que testificam sobre a natureza do santuário

celestial e parecem fornecer informações a cerca de princípios gerais de sua função, por hora se faz necessário entender mais alguns detalhes sobre a natureza literal associada aos correspondentes terrestres a fim de obter mais informações sobre a função do santuário celestial e como Cristo se encaixa ali com o seu sacerdócio. No correspondente do santuário celestial, o terrestre, Deus decidiu comunicar verdades superiores. Dessa forma, antes de avançar em direção ao próximo passo, é imprescindível reconhecer a importância de compreender alguns desses paralelos, porque são eles que introduzirão as outras funções.

Partindo para o Novo Testamento, é possível compreender os pontos mais relevantes dos paralelos entre os santuários, que se relacionam com sua natureza e preparam o caminho para a compreensão de sua função para a salvação do homem. No livro de Hebreus há uma série de informações sobre o santuário celestial e sua natureza. O autor parece advertir os crentes a retomarem os princípios de relacionamento com Deus segundo o que haviam aprendido desde os primórdios. Isso parece até então, deixar claro que o pano de fundo para a carta de Hebreus são princípios da cosmovisão israelita, princípios estes, que promovem uma cosmovisão unicista e temporal de enxergar a Deus e as coisas de Deus. Contudo, essas informações parecem não ser o bastante pelo fato de que a própria intenção e ponto de vista do autor de Hebreus ainda é questionada e, esse questionamento, se relaciona diretamente com a natureza do santuário celestial (RODRIGUEZ, 2015, p. 439-460). Para compreender então essa natureza no livro de Hebreus, os correspondentes terrestres são esclarecidos, mas de forma a enfatizar temas como a aliança superior, o sacerdócio superior e o juízo superior que resultam no conjunto de funções que se desenvolvem para a remissão de pecados e salvação.

Em Hebreus o santuário da nova aliança é superior porque é celestial Hb 8:1, 2; 9:24. O autor parece se basear aqui em Êxodo 25:9 e 40, onde encontra uma referência ao verdadeiro santuário celestial de Deus, que precede o terrestre. O santuário celestial, que pode ser chamado de antítipo Hb 9:24, serviu de modelo para o terrestre (LANE, 1991). Por ser uma cópia do original, o tabernáculo é inferior, sendo descrito como uma “sombra” do celestial que e o superior. Portanto se o terrestre era sombra do celestial, é viável compreender que em termos de estrutura, ambos compartilhavam das mesmas semelhanças, caso contrário, todo o argumento do autor de Hebreus seria inválido. Em Hebreus, fica claro que o santuário celestial é real porque Cristo entrou nele após Sua ascensão Hb 4:14- 16; 6:19, 20; 9:24; 10:12 e está realizando ali uma obra sacerdotal Hb 7:27. Para o apóstolo, Cristo é a pessoa divina que assumiu a humanidade tornando-se um deles 2:14, alguém que sofreu sob a pressão das tentações 5:7, 8, morreu na cruz 12:2, ascendeu ao Céu 4:14 e entrou no santuário celestial 9:24. Para o autor de Hebreus, é inquestionável a realidade de todas essas experiências. Seguindo os ensinamentos do AT, Hebreus defende a existência de um santuário de natureza literal no Céu que funciona para resolver o problema do pecado (RODRIGUEZ, 2015, p. 439-460). Essa realidade é tão evidente que até mesmo as passagens que parecem sugerir uma interpretação metafórica do santuário celestial, quando examinadas mais detidamente, apoiam uma interpretação literal¹³.

¹³ O substantivo ta hagia (o santuário) em Hebreus designa o santuário como um todo, e não um de seus dois compartimentos. O que sugere isso, principalmente, é o fato de ta hagia ser usado no paralelismo "tenda" {skSnS; 8:2), que no AT designa o tabernáculo. Além disso, quando o autor de Hebreus se refere ao lugar santo, hagia é usado sem artigo; e, quando a referência é ao lugar santíssimo, emprega-se hagiôn. Essa ênfase no santuário terrestre como

Em Hebreus o tema da aliança é vigente, ali a antiga aliança seria substituída pela nova e os sacrifícios típicos chegariam a seu fim com o verdadeiro, e o sacerdócio levítico daria lugar à ordem de Melquisedeque Hb 7:11, 12, 18, 19; 8:13; 10:3-10¹⁴. Assim, o sacerdócio de Cristo foi não somente o antítipo do sacerdócio real exercido por Arão, mas também o cumprimento da profecia messiânica encontrada em Salmo 110:4, à luz do exame que Hebreus faz de Gênesis 14:17-20. Existe superioridade no sacerdócio de Cristo (Hb 7:1-28), esse sacerdócio pode ser compreendido como sua função, função esta que se desenrola de maneira literal e real no céu em prol dos seres humanos pecadores.

No santuário, Cristo assume a função de mediador, intercessor e juiz¹⁵. No que diz respeito à compreensão atual dessas funções, a mais relevante é destacada no trecho que se segue:

O texto de Hebreus 9:23 é significativo na discussão do significado tipológico do Dia da Expição. Os eruditos ficam surpresos com a afirmação de que as coisas celestes precisam ser purificadas. Contudo, não é difícil interpretar essa passagem; basta reconhecê-la como uma referência ao Dia da Expição, Aqui está uma indicação clara de que Cristo executa no santuário celestial uma obra de purificação, que é o equivalente tipológico da função exercida pelo sumo sacerdote no santuário terrestre no Dia da Expição. A passagem não afirma que essa purificação acontece imediatamente após a ascensão de Cristo, mas que o santuário celestial também precisa de purificação. O autor, porém, não desenvolve a tipologia nem discute nenhum elemento de tempo. Apesar disso, a conexão tipológica é importante no sentido de reconhecer que a obra mediadora de Cristo abrange o conteúdo teológico do cerimonial anual do santuário israelita (RODRIGUEZ, 2015, p. 439-460).

Portanto, é correto afirmar que essa obra de purificação¹⁶ além de englobar a função mais

uma cópia do celestial, junto com a discussão dos dois compartimentos do terrestre (9:1-7), sugere que o autor de Hebreus compreendia que o santuário celestial era uma estrutura dividida em duas partes. No entanto, o apóstolo não desenvolve essa ideia, visto que o principal interesse dele era deixar claro que o santuário celestial, onde Cristo ministra, é superior ao terrestre.

¹⁴ O incidente narrado em Gênesis 14 fornece informações que mostra a superioridade do sacerdócio de Melquisedeque sobre o de Arão. Demonstra-se isso primeiramente observando-se que Abraão deu seu dízimo a Melquisedeque (Hb 7:2, 4-6). Em segundo lugar, ao abençoar Abraão, Melquisedeque se mostrou superior ao patriarca (v. 6, 7). Em terceiro lugar, o sacerdócio de Melquisedeque permanece perpetuamente (v. 3). Em Hebreus, Melquisedeque prefigura o sacerdócio de Cristo (v. 3). A predição do sacerdócio de Jesus segundo a ordem de Melquisedeque mostrava que o sacerdócio aarônico era transitório (v. 11-14) e que a perfeição, isto é, a salvação do pecado não era possível pelo sacerdócio aarônico. Isso significava que Deus pretendia modificar a lei sacerdotal, permitindo que um não descendente de Arão se tornasse sumo sacerdote. Com a chegada do novo Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, o sacerdócio típico chegaria ao fim (v. 15-19). Cristo Se fez sacerdote, não com base em laços genealógicos, mas por uma declaração divina. Seu sacerdócio é permanente porque Sua vida é indestrutível, Para dizer a verdade, Jesus Cristo é o único e verdadeiro mediador sacerdotal entre Deus e a raça humana. Os sacerdócios de Arão e Melquisedeque servem apenas como exemplos do ministério eficaz de Cristo.

¹⁵ Cf. 1 Tm 2:15; Rm 8:34; Hb 8:2 e 2 Tm 4:8.

¹⁶ A purificação do Santuário em seus aspectos de larga escala, é um evento profético prenunciado em Dan 8:14 que corresponde ao julgamento celestial retratado em Dan 7: 9-14-37 como tendo seu cumprimento em 1844. Este estudo não tem a intenção de aprofundar nas razões para a determinação dessa data por se tratar de um assunto para outro aspecto de pesquisa referente ao santuário celestial. No entanto o que é relevante saber aqui são os aspectos dessa purificação profética de larga escala que indicam a natureza literal do Santuário Celestial. O santuário a ser purificado em Daniel 8:14 deve estar localizado em céu. Novamente, de acordo com esse paralelismo, deve-se notar que, como se reconhece que Daniel 7: 9-14 retrata imagens de dia de expiação, certamente o evento descrito como a purificação do santuário em

importante do sacerdócio superior de Cristo, também declara que esse processo precisa acontecer de maneira literal e em uma estrutura literal¹⁷ porque Cristo entrou no santuário de maneira literal.

A RELAÇÃO ENTRE A NATUREZA LITERAL DO SANTUÁRIO, SUA FUNÇÃO E O PAPEL DO SACERDÓCIO DE CRISTO

Após entender que o santuário é de natureza literal e que esse fato possibilita que Cristo exerça ali funções sacerdotais em prol da salvação da humanidade, algumas questões podem ainda ser levantadas. Algumas partes no Novo Testamento e o escritor de Hebreus declaram que o sacrifício de Cristo na cruz foi suficiente para dar fim ao pecado. Mas esse fato parece entrar em contradição com a macro visão da função do santuário celestial após o pecado. Inclusive a ênfase do Novo Testamento na finalidade da morte expiatória de Cristo tem levado fortemente alguns a concluir que Sua obra em favor de nossa salvação finalizou-se na cruz e que, portanto essa ideia de santuário no céu realmente não passa de uma metáfora.

O problema, porém é facilmente resolvido quando observamos como a situação do pecado era resolvida no santuário terrestre. De fato, a morte de Cristo foi suficiente para resolver o problema do pecado, Sua morte nos provê justificação. Porém, posterior à morte de Cristo há um contínuo ministério de interseção e mediação, uma vez que aquele que foi salvo em Cristo Jesus, não está isento de cometer futuros pecados que conseqüentemente precisarão ser confessados e abandonados para que sua salvação seja concretizada como resposta ao sacrifício de Cristo na cruz. É aí que entra o papel de Cristo num santuário real no céu após o preço do pecado ter sido pago na cruz¹⁸. Da mesma forma que no antigo testamento, os pecados confessados ficavam registrados no santuário através do sangue aspergido na cortina ao longo do ano, assim também os pecados da humanidade ficariam registrados nos registros celestiais e careceriam de interseção. E da mesma forma que no dia da expiação ou purificação, o pecador precisava se preparar e ter sinceramente se arrependido de tudo o que havia cometido, assim também no processo de purificação do santuário celestial ou processo de juízo exercido ali, o pecador, para ter seus registros apagados ou purificados conforme indica o livro

Daniel 8:14 deve indicar que o dia das atividades da expiação são realizadas no templo literal no céu (SOUZA, 2013, p. 78).

¹⁷ A naturalidade da estrutura dentro desse aspecto é ainda melhor compreendida ao observar que as cerimônias diárias e anuais no santuário israelita estavam entrelaçadas na resolução do problema de pecado no AT. Em vez de remover o pecador da Sua presença, o Senhor o purificava de maneira real a fim de preservar a relação da aliança. Nas cerimônias diárias, o pecado/impureza do penitente era transferido para o santuário por meio de um substituto sacrificial, deixando a pessoa em paz com Deus. Uma vez por ano, a expiação diária era consumada na remoção desse pecado/impureza da presença de Deus, encerrando assim a purificação diária. No Dia da Expiação, Deus examinava a qualidade do compromisso de fé de Seu povo. Os que haviam mantido seu relacionamento diário de fé com o Senhor eram conservados; aqueles que o tinham violado e rejeitado eram permanentemente separados da comunidade da aliança. Deus Se revelava como um Deus amoroso e poderoso, capaz de salvar e derrotar as forças do pecado. Era assim que o sistema sacrificial do AT esboçava em sombras e tipos o plano da redenção centralizado no vindouro Redentor e Sacerdote Cristo Jesus.

¹⁸ É aqui que o papel de mediador, intercessor e juiz entram em cena. Este último é o papel que atua no momento da purificação. Vale ressaltá-la porque é esse estágio que se relaciona com a solução do pecado, e lidar com essa questão também um dos objetivos desse trabalho.

de Hebreus, precisa se arrepender dos pecados cometidos e demonstrar aceitação no sacrifício e corresponder com a mediação de Cristo no santuário celestial.

Então, diante disso, se é indagado que não há um santuário de natureza literal no céu, todo o suposto correspondente terrestre é deitado por terra, tornando as cerimônias e sacrifícios, meros simbolismos. Se não há um santuário de natureza literal no céu, princípios abordados nas escrituras de confissão, arrependimento, penitência e salvação são mal compreendidos. Tudo isso deve despertar a atenção por sintetizar o princípio fundamental e a relevância da natureza literal do santuário em termos soteriológicos. Fica evidente que compreender a natureza do santuário celestial contribui para uma melhor compreensão doutrinária bíblica em geral e possibilita um novo relacionamento simples entre o Criador que se faz conhecido e a criatura que alcança seus objetivos como conhecedor.

O QUE É RELEVANTE NO QUE DIZ RESPEITO À NATUREZA DO SANTUÁRIO CELESTIAL

Frente aos argumentos apresentados, a questão da natureza precisa novamente ser retomada e algumas considerações devem ser feitas. O ser e sua natureza podem ser compreendidos de diversas maneiras, mas a mais pontual de todas elas é por meio do encontro entre o conhecedor e o conhecido, do sujeito e o objeto, ou de forma mais específica, dos seres humanos e o santuário celestial neste caso. Contudo, mesmo que o encontro entre ambos já tenha ocorrido e tenha proporcionado informações precisas sobre a natureza do santuário celestial, algumas questões concernentes à matéria do santuário em si podem surgir. De que materiais específicos todas as bases do santuário celestial são formadas ou qual a espessura exata de seus compartimentos são questões que podem ser colocadas em pauta na proposta de resolução de problema elaborada aqui. É certo de que partes no Novo Testamento, especialmente no apocalipse, parecem atestar para uma correspondência material exata entre alguns itens do santuário terrestre e itens presentes na estrutura física do santuário celestial¹⁹. Entretanto não é possível definir, em precisões exatas a matéria e a espessura das “coisas celestiais”²⁰ e tudo o que se relaciona a isso.

¹⁹ O Apocalipse menciona diversas vezes o santuário celestial. Em Ap 14:17 o naos (templo) se encontra “no Céu”; por sua vez, em Ap 11:19, a linguagem é mais precisa: “o santuário de Deus, que se acha no Céu.” “templo” e “tabernáculo” (skênê) são usados como sinônimos em Ap 15:5 e também descritos como situados “no Céu”. Essa estrutura de dois compartimentos contém um lugar santo com lâmpadas Ap 4:5 e um altar de incenso Ap 8:3, 4; possui também um lugar santíssimo com a arca da aliança Ap 11:19. O trono de Deus está no santuário Ap 4:2-8; 7:15. Realiza-se ali salvação Ap 7:10 e intercessão Ap 8:2-4; por causa disso o templo é alvo do ataque das forças malignas Ap 13:6. Enquanto o santuário celestial é descrito na linguagem colorida e metafórica dos tipos terrestres, os capítulos 4 e 5 de Apocalipse deixam claro que o santuário terrestre não passava de uma pálida cópia do celestial, sumamente mais elevado e glorioso. No fim do livro somos informados de que na Nova Jerusalém não há nenhum templo Ap 21:22; toda a cidade serve como tabernáculo de Deus, o lugar onde Ele habita com Seu povo v. 3; cf. Ap 7:15 (RODRIGUEZ, 2015, p. 439-460).

²⁰ Apesar das renúncias como as que acabamos de mencionar, o autor diz que Cristo levou seu próprio sangue ao santuário celestial e purificou as coisas do céu (ta epourania). O que ele quis dizer com “as coisas celestiais”? A sugestão de que o escritor quer dizer a consciência contaminada de homens e mulheres “não parece levar a sério os paralelos que o escritor faz entre o tabernáculo celestial e o tabernáculo terrestre e acaba levando sua linguagem muito literalmente. O autor não considera o “consciência é uma das coisas celestiais”. Essas “coisas celestiais” são anfitriões espirituais da iniquidade na esfera celestial? ” Na tradição apocalíptica judaica, o céu foi purificado expulsando Satanás cf. Etocian Enoch 10: 20-22. No versículo 24, o autor repete o pensamento de 9: 11-12 de que Cristo entrou no verdadeiro santuário, a presença de

Nesse caso, mesmo que não seja possível definir, em precisões exatas a matéria e a espessura do santuário celestial e tudo o que se relaciona a ele, algumas coisas precisam ficar bem claras sobre o que realmente é relevante no estudo da ontologia do santuário celestial. SOUZA (2013, p. 25-41, tradução nossa) parece trazer à tona uma conclusão importante sobre o que realmente é essencial para os objetivos do estudo da natureza do santuário:

Parece claro que o santuário celestial, de acordo com as passagens bíblicas não é um templo cósmico amorfo ou etéreo ou um templo mundial, mas um santuário no céu com ligações estruturais e funcionais com o santuário terrestre descrito em outras partes da Bíblia Hebraica.

Isso quer dizer que pode não haver um tabernáculo celestial como uma tenda da forma que é conhecida para os seres humanos, mas a imagem e a estrutura física do santuário celestial são reais. Ainda que se tenha apenas vislumbres da realidade do santuário, é seguro admitir que esses vislumbres estejam baseados em imagens e que essas imagens indiretamente sejam capazes de relevar a existência e a natureza das coisas. Os fundamentos filosóficos do ser aplicados à hermenêutica Bíblica fazem com que a imagem do santuário celestial venha a ser conhecível. Essa imagem é transmitida por alguns autores bíblicos que tratam o tema do santuário, incluindo o autor de Hebreus. Eles transmitiam que as intenções reais eram para apresentar a natureza do santuário celestial no intuito de que o homem viesse a compreender seu processo de salvação e não para mera comprovação sensorial ou filosófica apenas.

Entende-se por relevante no estudo da natureza do santuário celestial, tudo aquilo que remete à natureza ligada à sua função do santuário e ao papel do sacerdócio de Cristo exercido ali em favor da humanidade. É importante destacar, para fins conclusivos, que o santuário real e primário, se encontra no céu e foi ele que serviu de base para a tipologia de salvação representada pelo correspondente terrestre (LAANSMA, 1996, p. 182). Os autores bíblicos e especialmente o autor de Hebreus, não falavam de um tabernáculo terrestre físico que apontava para um figurativo ou simbólico no céu, mas sim de um tabernáculo ou santuário de da natureza literal no céu que era refletido por um tabernáculo terrestre físico, cujas cerimônias ocorridas ali, apontavam para a macro visão soteriológica e redentiva realizada por Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza do santuário celestial, sua realidade e sua função foram mais bem compreendidas a partir das ideias discorridas neste estudo, que buscou, a partir de uma abordagem considerativa dos fundamentos filosóficos e de uma observação analítica e comparativa de algumas passagens bíblicas que tratam sobre o assunto, mostrar que o santuário celestial é uma construção, um espaço, uma

Deus no céu. Os versículos 25-26 correspondem a 9: 12-14. Um novo pensamento surge em Hb 9: 27-28: quando Cristo aparecer pela segunda vez, será para julgar e salvar aqueles que o esperam. Assim como o povo de Israel esperava que o Sumo Sacerdote reaparecesse depois que ele havia entrado no Santo dos Santos cf. Ecclesiasticus 50: 5-10, também os cristãos que foram salvos pelo sacrifício de uma vez por todas esperam ansiosamente por ele reaparecer do tabernáculo celestial (Omanson, 2002, p. 369).

realidade no céu e não algo simbólico, metafórico, representativo ou o próprio céu. Uma vez que Deus é o soberano, eterno e absoluto criador do universo, evidências bíblicas comprovaram que ele também teria criado e estabelecido o santuário celestial com o objetivo de que ele fosse o centro de sua habitação e que também se tornasse o local de onde o pecado seria finalmente eliminado. Embora complexo e desafiador, esse estudo foi importante porque suas descobertas ampliaram a compreensão de subtemas que se relacionam com a teologia e isso contribuiu para o esclarecimento de questões importantes envolvendo a procedência dos cristãos em geral em relação a isso.

A necessidade de recorrer a fundamentos filosóficos se deu devido à complexidade por trás da natureza do ser, mais especificamente por trás da natureza de um ser, ou objeto de estudo que faz parte de uma realidade celestial e não terrena. Essa realidade, portanto, assume proporções desconhecidas com a realidade humana, realidade esta, que inclui coisas que podem ser observadas empiricamente. Esses fundamentos filosóficos trouxeram uma melhor compreensão da ontologia metafísica, que posteriormente abriria espaço para o entendimento da ontologia ou natureza do santuário celestial. Dentro dessa perspectiva, estabeleceu-se a relação entre observador e observado aplicado a nós e ao santuário celestial a fim de se obter o conhecimento desejado sobre o observado.

Nessa relação, foi importante recorrer a fontes extras à relação supracitada. Dentre essas fontes, destacaram-se as de filósofos como Parmênides, Platão, Aristóteles e Filo, as quais forneceram luz sobre hipóteses da natureza de coisas pertencentes a uma realidade não cognoscível. Essas fontes, porém, não substituem a revelação bíblica, que em última instância, foi a responsável por categorizar mais especificamente a natureza literal do santuário celestial.

Sendo assim, os fundamentos filosóficos foram relevantes, mas não os conceitos filosóficos aplicados integralmente no texto bíblico. Ou seja, os fundamentos forneceram base para a percepção de que os textos bíblicos que tratam sobre Deus e sobre o seu santuário revelam que o princípio de Deus é na verdade compatível com o espaço, tempo e história da realidade dos seres humanos, pelo menos até certo ponto. Isso forneceu base para a união dos fundamentos ou princípios filosóficos, não os conceitos, à hermenêutica bíblica dentro de algumas das passagens mais importantes que deram indícios da natureza e função do santuário celestial para que conclusões fossem alcançadas.

Dentre as passagens analisadas, a primeira foi a clássica de Êxodo 3:14 e 15, cujo o foco foi mostrar que embora a matéria em si do ser de Deus não possa ser comprovada, sua natureza pôde e esta foi literal e perceptível diante de Moisés. A natureza de Deus e de suas coisas criadas foi subentendida como “presença ôntica” que assumira o aspecto de dimensão temporal ontológica. Em seguida, foi analisado também Êxodo 25:8, 9 e 40 que trouxe consigo a ênfase na palavra “modelo” (tabnit) como uma palavra mais associada a um modelo celestial real e original do qual o santuário terrestre deveria se basear; 2 Samuel 22:4-7 que mostrou que o santuário celestial pode ser literal a partir da perspectiva de que de lá, ações de Deus como “ajuda real”, “trovões, flechas e raios” que derrotam os inimigos poderiam ser efetuadas; Salmos 11:4-7 que trouxe à tona a ênfase de um “templo que está no céu” e um “trono que está no céu” evidenciando que o santuário não pode ser o próprio céu, mas sim um compartimento ali. Essa passagem também sugeriu que além de ter uma função criadora e relacional e ser um lugar de onde Deus envia juízos, o santuário celestial também assume proporções literais que possibilitam todas as suas funções; Isaías 6:1-6 que enfatizou a relação entre a natureza de algo que vem de um compartimento no céu e entra em contato com a natureza física

dos seres humanos, purificando seus pecados.

Por fim, pinceladas sobre Hebreus 4:14-16; 6:19, 20; 7:27, mas principalmente Hebreus 8:1 e 2 e 9:24. Essas foram passagens que evidenciaram mais uma vez uma relação entre o santuário celestial e o terrestre, mas sendo o terrestre bem inferior ou sombra do celestial. Além disso, concluiu-se que o santuário celestial é real porque Cristo “entrou” nele corporalmente após sua ascensão e está realizando nele uma obra sacerdotal. Evidenciou-se também, pelo texto bíblico, que existem “coisas celestiais” que precisariam ser purificadas. Pelo texto, essas “coisas” englobavam o processo total de purificação que demandaria toda a era do pecado e não somente o ato da morte expiatória de Cristo na cruz.

Após essas considerações, contatou-se enfim qual seria o papel de Cristo atuando como sumo sacerdote ali. A essa altura do estudo, a pergunta do por que um santuário literal seria necessário após a cruz obteve sua resposta mais significativa e relevante que é: mesmo a morte de Cristo na cruz tendo sido suficiente para resolver o problema do pecado, nos provendo justificação pela graça, ainda haveria a necessidade de um contínuo ministério de interseção e mediação a favor dos salvos, uma vez que os salvos em Jesus não estariam isentos de cometer futuros pecados que conseqüentemente precisariam ser confessados e abandonados para que sua salvação fosse concretizada. Com base na maneira pela qual o pecado era eliminado no serviço cerimonial no santuário terrestre, a eliminação do pecado global também ocorreria no santuário celestial. Da mesma forma que a purificação do santuário terrestre ocorria após o sacrifício e após a interseção, a purificação do santuário celestial também procederia da mesma forma e paz justiça e amor prevaleceriam para todo o sempre.

Mesmo após todos os resultados obtidos, ainda se faz necessário o reconhecimento de que esta pesquisa está aberta a estudos adicionais e incentiva a futuras pesquisas sobre o assunto. Lidar com assuntos relacionados à natureza de Deus ou de coisas relacionadas a Deus no campo da metafísica, sempre será um grande desafio por se tratar de um campo que requer humildade, cautela e submissão no diálogo e na fixação de ideias. Os seres humanos são limitados, mas Deus e seus elementos são eternos. O conhecimento observável é limitado, mas o conhecimento da revelação é eterno e este fornece base para a compreensão aproximada das realidades de Deus.

Portanto, para considerações e observações finais, é preciso esclarecer o que realmente foi importante dentro deste estudo e qual mensagem deve prevalecer como destaque em toda essa perspectiva. O estudo da natureza literal do santuário celestial não foi exclusivamente ou assertivamente em direção a uma mera comprovação sensorial ou filosófica apenas, mas buscou de fato transmitir o conceito da realidade de um santuário, a fim de que o homem viesse a compreender seu processo de salvação, redenção e eliminação do pecado global.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1992.

ADAMS, Edward. "The Cosmology of Hebrews." In *Epistle to the Hebrews and Christian Theology*. Edited by Richard Bauckham, Daniel R. Driver, Trevor A. Hart, and Nathan MacDonald. Grand

Rapids: Eerdmans, 2009.

GAMBA, Alessandro. **In principio era il fine**. Ontologia e teleologia in Nicolai Hartmann, Vita e Pensiero, Milano 2004.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA (Org.). **Nisto Cremos**. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

CANALE, **Fernando L. Philosophical foundations and the biblical sanctuary**. Andrews University Seminary Studies, Autumn 1998.

CANALE, **Fernando L. Toward a criticism of theological reason: time and timelessness as primordial presuppositions**. Andrews University PH.D. University Microfilms International 300 N*. Zeeb Rood. Ann Arbor, 1983.

DAVIDSON, R. **Interpretação Bíblica**. In: Deren, R. (Org). Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HASEL, G. **Interpretação Bíblica: princípios gerais**. Brasília: Divisão Sul Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 1979.

HOROWITZ, Wayne. **Mesopotamian Cosmic Geography**. Mesopotamian Civilizations 8. Winona Lake: Eisenbrauns, 1998.

LAANSMA, Jon C. "**Hidden Stories in Hebrews: Cosmology and Theology**." In A Cloud of Witnesses. Edited by Richard Bauckham, Daniel Driver, Trevor Hart, and Nathan MacDonald. London: Bloomsbury, 2008.

LAANSMA, Jon. "**The Cosmology of Hebrews**." In Cosmology and New Testament Theology. Edited by Jonathan T. Pennington and Sean M. McDonough. Library of New Testament Studies.vol. 355. London: T&T Clark, 2008.

LANE, William L. **Hebrews 9-13**. Dallas: Word, 1991.

HARTMANN, Nicolai: **Ethik**. 4. Aufl., de Gruyter, Berlin 1962.

SHEA, William H. **Selected Studies on Prophetic Interpretation**. Ed. rev. Silver Spring: Biblical Research Institute, 1992.

OMANSON, Roger L. **A Superior Covenant: Hebrews 8:1-10:18**. Journal of the Adventist Theological Society, 1998.

RODRIGUES, Adriani M. **Toward A Priestly Christology: a hermeneutical Study Of Christ's ariesthood**. Andrews University perss, 2017.

RODRÍGUEZ, Ángel M. Santuário. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). Tratado de teologia adventista do sétimo dia. Tradução José Barbosa da Silva. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. Cap. 11,

p. 439-460.

SOUZA, Elias Brasil de. **O santuário celestial no antigo testamento**. Tradução de Júlio Cesar Santos Leal et al. Santo André, SP: Academia Cristã, 2015.

SOUZA, Elias Brasil de. **Sanctuary: Cosmos, Covenant, and Creation**. Journal of the Adventist Theological Society, Article copyright, 2013.

Seventh-day Adventists Answer. **Questions on Doctrine**. Washington: Review and Herald, 1957.

STEDMAN, Ray C. **Hebrews**. Downers Grove: InterVarsity, 1992.